

COLÓQUIO

GUERRA JUNQUEIRO
E A MODERNIDADE

Título

GUERRA JUNQUEIRO E A MODERNIDADE
(Actas do Colóquio)

Autores

AAVV

Colecção

“Colóquios da Universidade Católica”

Coordenador de Edição

Paulo Samuel

Revisão

Alberto Simões; Victor Simões

Capa

“Estádio 46”

Extratexto

Retrato de Guerra Junqueiro,
estudante em Coimbra

Execução Gráfica

LELLO EDITORES

© Centro Regional do Porto
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Junho de 1998
ISBN 972-48-1784-2

Organização do Colóquio

Centro Regional do Porto da U. C. P.
(Faculdade de Teologia - Porto)

Lello Editores

Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta

Fundação Maria Isabel Guefra Junqueiro
e Luís Pinto de Mesquita Carvalho

Apoio

Fundação Lusíada

Governo Civil do Porto

Comissão Executiva

Prof. Doutor Francisco Carvalho Guerra
Presidente do Centro Regional do Porto da U.C.P.

Prof. Doutor Arnaldo Cardoso de Pinho
Director da Faculdade de Teologia da U.C.P. - Porto

Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva
Faculdade de Filosofia da U.C.P. - Braga

Prof. Doutor Ângelo Alves
Faculdade de Teologia da U.C.P. - Porto

Paulo Samuel
Director Editorial de Lello Editores

Dr. Henrique Manuel S. Pereira
Escola Superior de Educação Paula Francinetti

O que José Marinho descobre aqui, é que esta visão dramática procura “restabelecer com firmeza a relação real e actual, não apenas ideal, que une estreitamente Deus, Universo e homens...”¹. Porém, “aceita da onto-teologia obscura [...] a queda em Deus [...] assumindo, assim, a sua filosofia [...] o primado onto-fenomenológico do Mal e do Erro, que ensombram e subjagam plenamente e sem mercê, desde a remota origem, toda a acção, todo o pensamento dos homens, todas as infindas formas de ser do que nasce e morre e se renova e perdura. Consequentemente, o bem e a justiça, tal como a verdade e a certeza, são alcançadas, não de forma positiva e afirmativa, mas negativamente, ou seja, na parte de mal e erro eliminados”².

Não obstante o reconhecimento de um absurdo lógico na queda em Deus, repetimos, José Marinho salienta a necessidade de uma abertura do pensamento ao “sentido dramático do Mal que urge resgatar”³. E prossegue o nosso filósofo: “Na mais funda articulação do Mal e do Erro, a aceitação da queda e do pecado original: não já considerados apenas em termos de conhecimento, mas no desenvolvimento de um autêntico ideo-realismo, de uma mais substancial metafísica e finalmente, à luz de uma autêntica fé, [...] atenta ao que ao mesmo tempo nos une e cinde abissalmente no seio do verdadeiro ser de Deus e sua límpida verdade”⁴. E concluímos: O problema “respeita [...] ao mistério enigmático que está na origem do homem, permeia a sua vida, configura no dia radioso ou na noite de estrelas remotas seu mais certo ou incerto destino”⁵. Neste, um pouco longo recurso a José Marinho, entendemos recuperar uma linha que já desde Junqueiro se esboçava, mas que nesta necessidade de assumpção da negatividade proposta por Marinho, retoma um viço que o tempo, por uma razão ou por outra, foi deixando que se perdesse.

9.

Percorremos, em jeito de tópicos, alguns pontos que formam uma graduação para a compreensão daquela situação que, cremos, Guerra Junqueiro ocupa naquele movimento que da “Renascença Portuguesa” e já antes, tem a sua continuidade no movimento da “Filosofia Portuguesa”.

¹ José Marinho, *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1976, p. 135.

² *Ibidem*.

³ *Ob. cit.*, p. 138.

⁴ *Ob. cit.*, pp. 138-139.

⁵ *Ob. cit.*, p. 140.

OBSERVAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO MORAL DE GUERRA JUNQUEIRO

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA

Guerra Junqueiro não foi um filósofo da moral. Não obstante, existem na sua obra elementos para uma reflexão sobre o fundamento do valor ético. Salta à vista uma coerência entre a obra escrita e a *práxis* cívica e política que patenteia um alto sentido da dignidade moral. Visto o homem e a obra no seu conjunto, este aspecto ético é mesmo mais impressivo do que o valor estético dos seus versos. Mas como se formula este critério de moral, quer dizer, de vida e acção livre e responsável?

1. A essência do valor moral

Referimo-nos neste trabalho ao valor moral como “aquela qualidade de que são providas algumas formas de conduta humana, externa ou interna: o ser digna de admiração e de estima em si mesma, na sua fonte originária de liberdade e de personalidade, independentemente de outros factores de utilidade, comodidade, sagacidade, vantagem, perceptividade extrínseca (social, jurídica, religiosa), estética, coacção psíquico-pulsional”¹.

Há na obra de Junqueiro elementos que nos permitem responder a diversos aspectos desta pergunta sobre qual o critério que faz com que a conduta humana tenha valor autenticamente moral. Os mais importantes encontram-se nas suas obras em prosa. O texto mais importante a ter em conta é o prefácio a *Os Pobres*, de Raul Brandão. Enquanto não se publicarem os textos inéditos, temos de recorrer a este, tendo algumas cautelas, uma vez que é impossível saber em absoluto o que é pensamento do prefaciado ou do prefaciador.

Este escrito de Junqueiro é fulcral para o nosso propósito, porque nos

¹ P. Valori, “Valore morale”, in *Nuovo Dizionario di Teologia Morale*, 2.^a ed., ed. por F. Compagnoni - G. Piana - S. Privitera, Cinisello Balsamo, 1990, p. 1418.

dá o seu pensamento sobre “a natureza”. Na tradição ética, o conceito de “natureza racional adequadamente assumida” foi o critério mais importante para responder à questão da essência do valor moral. Também em Junqueiro assim é. Também aqui, viver moralmente bem é conformar-se com a natureza, quer dizer, com a constituição autêntica do real. Mas uma primeira, entre muitas, dificuldade nos aparece: é que o conceito de natureza em Junqueiro não pode ser interpretado de modo unívoco. Seguindo na esteira da interpretação de Leonardo Coimbra, tentemos compreender os diversos estádios em que é assumida esta categoria-chave¹.

Em primeiro lugar, temos o estádio do “amoralismo”, em que a natureza é “insensível ao drama bárbaro do homem”. Disso é expressão esta afirmação do prefácio a *Os Pobres*: “Reguem vergéis com sangue de Iscariote ou com sangue de Cristo e os lírios inocentes (estranha inocência!) desabrocharão, igualmente cândidos e nevados”². É uma expressão não amadurecida filosoficamente da obra do grande poeta. Leonardo diz que se trata de um vestígio do deísmo filosófico de Junqueiro. Nesta fase não é ainda possível dar uma resposta à questão da essência do valor moral que, a existir, se encaminharia para uma posição de racionalismo voluntarista.

Temos, em segundo lugar, o estádio do panteísmo naturalista e evolucionista. Leonardo pensa que este é o horizonte mais comum de Junqueiro e que o seu pensamento, lido criticamente e globalmente, foi um optimismo da natureza. Se seguirmos a opinião de Leonardo, concluímos que o fundamento do valor moral é uma conformação com a natureza panteísta e evolucionista. Porém, as expressões de um “imoralismo da natureza” são o que aparece mais evidente, sobretudo nesse prefácio à obra de Raul Brandão, mas noutros escritos também.

“O que é a vida?”—pergunta no citado prefácio. E responde: “A vida é o mal. A expressão última da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se numa batalha inexorável de apetites, num tumulto desordenado de egoísmos, que se entrecrocaram, rasgam, dilaceram. O Progresso, marca-o a distância que vai do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte quilómetros. A fera, a dez passos, perturba-nos. O homem, a quatro léguas, enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada”³.

¹ Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*, Nota prévia, org. e fixação do texto de Paulo Samuel, Porto, Lello Editores/Universidade Católica Portuguesa, 1996, pp. 80-96.

² Guerra Junqueiro, *Prosas Dispersas*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1921, p. 46.

³ *Ibidem*, *idem*, p. 42. Citaremos as obras de Guerra Junqueiro da seguinte forma: *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, Organização e Introdução de Amorim de Carvalho, Porto, Lello e Irmão - Editores, s/d, [1973] (sob a sigla O.G.J.); *Prosas Dispersas*, Porto, Livraria Chardron, 1921, vol. de 169 pp.; *Horas de Combate*, com um prefácio de Mayer Garçon, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1978, vol. de CXVII + 84 pp.

Muito mais expressões existem desta equivocidade da constituição do mundo sobre a qual se não pode assentar o critério do valor. Vejamos estas expressões sobre a humanidade:

“A humanidade, enfim, é a vitória dos arrogantes sobre os humildes, dos fortes sobre os débeis, da besta sobre o anjo”¹.

Falando do percurso existencial de Antero diz estas palavras significativas sobre a suposta “natureza”:

“À medida que os anos decorrem, que os apetites se extenuam, que a animalidade se adelgaça, mais o espírito idealista se vai libertando das exterioridades enganadoras do mundo tangível e material”².

Notemos que estas “exterioridades enganadoras” não são os atractivos das almas medíocres mas os combates e os objectivos do primeiro Antero, político idealista e mentor revolucionário, quer dizer, do homem de acção que luta pela realização de valores sociais e morais.

Podíamos multiplicar os exemplos desta desconsideração de Junqueiro por uma qualquer “natureza”, cuja “lei é iníqua e feroz”, “uma lei monstruosa, negadora da suprema ideia do espírito do homem, a ideia do bem e da justiça” porque “assegura o predomínio e a sobrevivência do mais forte”³.

Tomando em consideração estas afirmações, é difícil dizer que da conformidade com a natureza se pode aferir o valor moral da conduta humana. É certo que o valor delas é relativo, se tivermos em conta, como nota Leonardo, o peso de outras afirmações de claro saber a monismo panteísta: a natureza que exprime o mal exprime, igualmente, o bem.

“O que me leva a dizer que a natureza é iníqua? O sentimento do bem e da justiça, desenraizável do meu coração e do meu cérebro. Logo, existe também na natureza, pois que eu sou natureza, a lei do amor e da justiça contraposta à lei da força e da violência. Se Cristo morreu na cruz, a natureza é o mal. Mas, sendo a natureza o mal, como é que dela nasceu o mesmo Cristo, afirmação de todo o bem?”⁴.

Nesta fase da sua obra, que é a parte principal da actividade criadora de Junqueiro, o poeta professa um ideal ético de conformação com uma natureza evolutiva. São de incluir neste contexto as suas obras poéticas de crítica social, a sua diatribe contra a religião oficial católica, os poemas de dignificação da pátria, a sua exaltação mística da natureza de *Os Simples* e dos poemas *Oração ao Pão* e *Oração à Luz*.

¹ Guerra Junqueiro, *Prosas Dispersas*, ed. cit., p. 46.

Idem, p. 17.

³ *Idem*, p. 51 e seguintes.

⁴ *Idem*, p. 52.

Mas a etapa mais amadurecida da obra do poeta, que é também a menos documentada na sua obra escrita, é aquela em que o aproximar do fim da sua vida, a debilitação da saúde, lhe deram uma compreensão do aspecto passivo da existência, lhe mostraram a importância da dor. Desde então, o fundamento do valor moral, encontra-o Junqueiro numa espécie de discurso negativo, de crucificação dos sentimentos e dos desejos, de relativização de todos os projectos, de desconfiança de todas as vitórias e sucessos. Trata-se de uma espécie de protestantismo ético. Esta fase é antecipada em escritos já desde a última década do século XIX, como é o caso do texto sobre Antero de Quental. O grande mentor da “Geração de Setenta” tornou-se um homem autenticamente virtuoso e um poeta de primeira ordem na fase madura da sua vida. Quem o fez amadurecer? pergunta Junqueiro. Foi a dor, responde, como que antecipando a sua própria experiência. Foi a dor que o guindou “às regiões supremas e vertiginosas da eternidade e do absoluto. Era um balão cativo. A doença partiu o cabo, e lá foi a aeróstato levado pelos ares... até desaparecer para sempre no abismo infinito...”¹. Nesta fase, Antero é “o «santo», isto é, a alma para quem a virtude é o fim único da vida, o motivo soberano da existência”². O sofrimento, a doença, a dor são o factor decisivo da valoração moral da acção humana. Todos os outros motivos e valores que a informam estão roídos de cobiça e de desvalor.

Junqueiro tinha falado da dor numa perspectiva inautêntica, “verbalista” em relação à questão da dor e do mal, como lhe chama Leonardo Coimbra³. Agora, depois de passar pela prova pessoal da enfermidade e com o aproximar-se da morte, o poeta conhece existencialmente a dor e pode dar-lhe um significado mais profundo e mais autêntico.

Junqueiro professa, na fase mais madura do seu pensamento, um fundamento escatológico para o valor moral. Viver moralmente bem não é simplesmente conformar-se com a natureza, nem mesmo viver segundo a razão, ou segundo a liberdade. Viver moralmente bem é ascender, mediante a dor, ao valor final. O valor moral encontra-se no termo de uma como que dialéctica pascal, de passagem da morte à vida.

Podemos dizer que, no sistema moral de Junqueiro, o fundamento do valor moral é a liberdade ou a autonomia? Podemos, se tivermos em conta este conteúdo profundo do conceito de liberdade. De facto, o homem tem em si próprio a sua lei, tendo em conta que essa lei é um ideal que se

¹ *Idem*, p. 18.

² *Idem*, p. 18.

³ É em relação a expressões como as que se seguem que Leonardo fala de “verbalismo” (Cf. Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*, ed. cit., p. 87): “A dor... não era [...] o substracto último da natureza, o fimdo irreductível do universo. A dor não era irreductível. A alma, vencendo-a, converteu-a em amor”. “A flor é a dor da raiz, a luz, a dor das estrelas, e a virtude ou o génio, a dor ascendente do éter luminoso, cristalizando no homem, ao fim de um calvário inenarrável de milhões e milhões de séculos sem conta. A alma de Jesus proclama o triunfo da santidade sobre o crime...”. (Guerra Junqueiro, *Prosas Dispersas*, ed. cit., pp. 54 e seguintes.)

encontra no termo de um processo evolutivo do cosmos. Mas Junqueiro não cai em qualquer reducionismo tanto naturalista como idealista. Este aspecto é muito interessante. De facto, não existe em Junqueiro, em definitivo, uma perspectiva puramente emancipalista do valor moral, como se “bom” fosse simplesmente aquilo que emancipa o homem da natureza, da ignorância, de Deus e da religião. Nem igualmente no reducionismo naturalista e fixista. Se é certo que passou por essas fases, é mais certo que as superou. Na sua maturidade, o valor moral encontra-se na conformidade do homem com o seu destino auto-transcendente, meta-visível e meta-físico. É neste delicado equilíbrio que, como notou Luís de Magalhães, consiste a libertação de Prometeu. É significativo que este herói, que representa em Junqueiro a pura insubordinação, se converta no fim da obra apenas projectada, à razão do herói do Calvário¹.

Façamos ainda uma pergunta à obra de Junqueiro: qual a relação entre o valor moral e o valor religioso? Neste ponto, cremos poder identificar expressões em que Junqueiro é kantiano. Deus é um pressuposto da validade da dedicação humana ao valor ético. De Raul Brandão ele diz o que se pode dizer do seu próprio pensamento: “Só crê em Deus, só descobre Deus, quando em si, pela virtude, momentaneamente o realiza ou tenta realizar. Se a bondade e a paz lhe existem no coração, a natureza resolve-se-lhe em Deus, em amor supremo”². O valor religioso é, então, função do valor moral. Em conformidade com a evolução que vimos anteriormente, é natural que o poeta tenha superado este pensamento. Se é certo que se aproximou de uma compreensão cristã da existência, por certo que fez preceder o valor ético pela graça de Deus que leva gratuitamente a acção humana e o ser humano à plenitude e à consumação.

2. Objectivações do valor moral

Junqueiro tem consciência que o valor moral é mediado, entre outras objectivações, pela ordem jurídica. A lei é o testemunho do valor objectivo. Num passo conhecido da sua defesa em tribunal, por supostas injúrias ao Monarca, fala da “lei suprema da verdade” diante da qual perdem força as leis iníquas que não vinculam a liberdade do ser humano³. Este ponto é muito interessante porque nos mostra Junqueiro em contraste com o posi-

¹ Luís de Magalhães, Prefácio a *Prometeu Libertado*, in *O.G.J.*, p. 1025.

² *Prosas Dispersas*, p. 58. Típico deste modo de pensar são as palavras de Judas a Jesus de *A Velhice*: “Não aceito a tua compaixão [...] A minha acção é infame, hedionda, miserável [...] Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus, / Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nu, / É maior do que Deus, mais justo do que tu: / À tua caridade humanitária e doce, Eu prefiro o dever terrível! [...]”. *O.G.J.*, p. 354.

³ Guerra Junqueiro, *Horas de Combate*, ed. cit., p. 48.

tivismo jurídico de muitos autores do seu tempo e do nosso. A lei positiva está subordinada a uma lei mais vinculativa e anterior que se identifica com o valor moral. Junqueiro chama-lhe “justiça”, amor, misericórdia. Por relação a ela se aferem os comportamentos. Junqueiro tem uma noção exacta da acepção “natural” da lei. Cumprir esta lei pode ser entrar em conflito com a lei positiva, coisa que lhe aconteceu, pois o valor moral exige a insubordinação à lei positiva injusta.

O valor moral objectivo faz-se estrutura democrática. Para a realização do valor na liberdade se encaminham todas as reformas. Estas visam a realização objectiva do valor. Neste ponto encontramos alguns aspectos muito importantes do combate cívico de Junqueiro. É pouco conhecido o combate de Guerra Junqueiro pelo reconhecimento da liberdade religiosa. O mesmo homem que escrevera *A Velhice do Padre Eterno* afronta o Congresso Republicano de Maio de 1910¹. Mais precisamente, este direito à liberdade religiosa entronca na liberdade fundamental da consciência. Em conformidade e em coerência com este seu firme pressuposto, Junqueiro, contra a maioria dos seus confrades republicanos, defende que a República deve conceder liberdade de culto e respeitar o direito de associação dos católicos e mesmo que se devem dar à Igreja católica os meios necessários à sua acção. Interessante é ver como, neste contexto, *A Velhice do Padre Eterno* assume um carácter de manifesto pela liberdade de consciência e liberdade religiosa contra a própria Igreja católica. O mesmo acontece com *A Morte de D. João*, que, como ele afirma no prefácio, é um manifesto em defesa do matrimónio, mesmo numa acepção burguesa.

Estas facetas dão uma ideia mais profunda da personalidade de Junqueiro e mostram como os debates passados sobre a opção monárquica ou republicana do autor são de pouca importância. O seu programa era mais radical. Ele podia conviver muito bem com pessoas de opção política contrária à sua, como é o caso conhecido da sua defesa do monárquico Luís de Magalhães. O seu combate mais importante era pela liberdade e só secundariamente por um regime.

3. A subjectivação do valor moral

O valor moral tem a sua incandescência na consciência moral individual. Esta é o testemunho do absoluto do valor moral. Realiza-se no santo, no profeta, no *civis perfectus*.

No elogio de Antero existe um elogio da consciência moral². Enquanto que existem “moralistas imoralíssimos”, quer dizer, aqueles em que a razão

¹ Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro. O homem e a morte*, Porto, Domingos Barreira Editor, 1942, pp. 101-109.

² Guerra Junqueiro, *Prosas Dispersas*, pp. 18 e seguintes.

e o engenho estão hipocritamente ao serviço do seu interesse, em Antero “aliou-se grandeza intelectual e grandeza moral”, razão e consciência estão ao serviço do valor. Em santo Antero, “a consciência [é] agulha reveladora marcando, imóvel, o seu norte — Deus”¹.

Para Junqueiro, a consciência individual autónoma realiza a totalidade da verdade moral. Ele defende uma espécie de aristocracia ética: a consciência plena é a manifestação do valor absoluto. Mas existe discurso sobre o valor objectivo metafísico e a consciência como realização criada desse valor? Não põe a questão das formas de consciência imperfeita e fora da verdade. Aqui ocorre lembrar as violentas invectivas contra o *Syllabus*² e conflito insanável entre o dever de buscar a verdade e a complacência dos modernos com a consciência vencivelmente errónea.

Em conclusão, podemos afirmar que Guerra Junqueiro testemunha uma consciência moral verdadeiramente moderna: viveu com profundidade o drama da divisão entre um ideal altíssimo e uma pátria que caminhava enervantemente devagar. Para obviar a essa divisão empenhou-se política e civicamente e construiu mesmo um sistema moral teórico de carácter monista. Uma certa desilusão e amargura pela lentidão com que progredem as reformas parece ter-lhe ensinado um distanciamento em relação ao que é bom sem limites: o critério da bondade moral tem de passar pelo crivo do sofrimento e mesmo da morte.

¹ *Idem*, p. 22.

² Cf. *A Velhice do Padre Eterno*, “Resposta ao «Silabus»” in *O.G.J.*, p. 357.

a riqueza deste livro, ampliado por Paulo Samuel com vários textos dispersos — incluindo esses em que Leonardo Coimbra, no pós-morte do poeta, melhor exercício hermenêutico produziu — a riqueza deste livro, dizíamos, não é inferior ao Antero. Digamo-lo apenas diferente e formatado com diferente temporalidade criativa. Estamos de parabéns por esta reedição, melhor, nova e ampliada edição, e de modo especial a Casa Lello e Paulo Samuel.

De Verney a Sérgio, uns; de Camões à “Filosofia Portuguesa” outros, somos duas vias, mas temos comunidade de fins — a felicidade do homem. Junqueiro partilhou de ambas as vias. Saibamos nós, na consideração de Junqueiro e de Leonardo, descobrir a terceira via, a que mais importa. Comprem o livro!

ÍNDICE

Apresentação	5
COMUNICAÇÕES	
FERNANDO GUIMARÃES Poesia e Modernidade: O caso de Guerra Junqueiro	9
ANTÓNIO FERREIRA DE BRITO A “Modernidade” é um requiem pela <i>Velhice do Padre Eterno</i>	13
ÂNGELO ALVES Guerra Junqueiro e a superação da Modernidade	21
MARIA ALIETE GALHOZ A fusão do texto poético popular na poesia simbolista de Guerra Junqueiro: Breve achega e aproximação	41
ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO A tentativa monadológica de Junqueiro	49
DALLA PEREIRA DA COSTA Um processo de redenção universal pelo amor e pela dor	55
JOSÉ SANTIAGO NAUD Guerra Junqueiro. Precedência e profecia do Portugal moderno	61
MANUEL DA COSTA FREITAS Guerra Junqueiro no pensamento de Leonardo Coimbra	69
JORGE PEIXOTO COUTINHO Junqueiro - Pascoaes e a hermenêutica do Cristianismo	79
MANUEL GAMA O sagrado e o religioso em Guerra Junqueiro	91
MARIA CELESTE NATÁRIO Guerra Junqueiro: um homem, um poeta às mãos com o Destino	99
MARIA DO CARMO CASTELO BRANCO DE SEQUEIRA Junqueiro e Fradique Mendes: ecos de uma ligação	107
HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA Guerra Junqueiro: judeu ou... cigano?	117
AMÉRICO ANTÓNIO LINDEZA DIOGO Junqueiro e a Modernidade	129
JOAQUIM MATOS Junqueiro, um espaço na Modernidade	145
JOAQUIM DOMINGUES A religião da Pátria	153
JOÃO LUÍS FERREIRA Poesia portuguesa. Filosofia portuguesa	161
JORGE TEIXEIRA DA CUNHA Observações sobre o pensamento moral de Guerra Junqueiro	173
MARIA ANTÓNIA JARDIM Da luz de Guerra Junqueiro à luz de Camilo Pessanha	181

ANNETTE PIERRETTE R. BOTELHO	
Abordagem lexicológica-lexicográfica. <i>A Velhice do Padre Eterno</i>	191
MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS	
A sátira em Guerra Junqueiro: do inconformismo à resignação	199
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA	
Aspectos do pensamento filosófico de Guerra Junqueiro.....	211
CARLOS HENRIQUES DO CARMO SILVA	
Das idades ou da temporalidade em Guerra Junqueiro	219
ELÍSIO GALA	
Memória e Pátria em Guerra Junqueiro	235
MÁRIO ANDRÉ PEREIRA VERÍSSIMO	
Unidade da razão e sem-sentido na poética junqueiriana	261
ARNALDO DE PINHO	
Guerra Junqueiro e o padre Sena Freitas	271
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA	
Guerra Junqueiro na memória de Jaime Cortesão	277
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO	
A libertação do homem em Guerra Junqueiro	287
MARIA DE LOURDES SIRGADO GANHO	
Justiça e amor em Guerra Junqueiro	319
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO	
A catarse na <i>Pátria</i> de Guerra Junqueiro	327
BARROS DIAS	
<i>Verbo, Política e Sociedade</i> em Miguel de Unamuno e Guerra Junqueiro .	335
MARIA DAS GRAÇAS MOREIRA DE SÁ	
Guerra Junqueiro: um caso singular no panorama cultural português	347
SANDRA MARIA RODRIGUES CARVALHO RAMOS	
Uma leitura do poema "A Moleirinha". A infância como evocação nostálgica de um bem perdido	355
ESTELA PINTO RIBEIRO LAMAS	
A lírica de Guerra Junqueiro	363
XOSÉ LOIS GARCÍA	
Fidelidade cristiana e proxección de fe na poesia de Guerra Junqueiro..	371
PAULO ALEXANDRE ESTEVES BORGES	
Deus e manifestação em Guerra Junqueiro	379
PAULO FERREIRA DA CUNHA	
Junqueiro, a Justiça e o Direito	393
PAULO SAMUEL	
O pensamento de Guerra Junqueiro à luz da filosofia <i>criacionista</i>	417
JOSÉ AUGUSTO SEABRA	
A <i>Pátria</i> como Renascença (de Junqueiro a Bruno e Pessoa)	429
MARGINÁLIA	
J. PINHARANDA GOMES	
Leonardo Coimbra: <i>Guerra Junqueiro</i>	443